

AC

ACE

RES

60259/87

1/1







028686

20 DEZ 86

## SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

GABINETE DO MINISTRO

3

DESTINATÁRIO:

AC

Documento:

CARTÃO (CÓPIA)

Assunto:

PRONUCIAMENTO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, EM 08/09/1986, FEITO PELO DEPUTADO FEDERAL SEBASTIÃO CURIÓ RODRIGUES DE MOURA

Origem:

(C. Dep. F. 7136/12/1986)\*

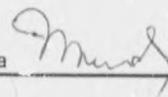
## DIFUSÃO:

 PR  GTC  GMPR  GCPR  SG/CSN  GAB  AC  EsNI  SAD  SCI  DCOM  CEPESC   Acompanhar Agradecer Aprofundar Arquivar Conhecer Em restituição Emitir opinião Esclarecer Falar-me Possível aproveitamento Processar Providenciar Registrar Responder

Despacho do Ministro-Chefe do SNI:

22, 12, 86

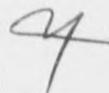
Assinatura



Outros Despachos:

22, 12, 86

Assinatura



MEMORANDO Nº

3415

/Ch/GAB/SNI

DIFUSÃO: AC/SNI

REFERÊNCIA: MEMO Nº 2457/02/Ch GAB/SNI, de 12/9/1986, à AC/SNI

ANEXO:

- A) Cópia de Cartão do Deputado Federal Sebastião Curió, dirigido ao Exmo. Sr. Ministro Chefe do SNI;
- B) Cópia de CARTA ABERTA, datada de 06/11/1986, do Deputado-Federal SEBASTIÃO CURIÓ, dirigida ao Capitão BOLSONARO; e
- C) Cópia de Pronunciamento feito de improviso pelo Deputado Federal SEBASTIÃO CURIÓ, em 08/09/1986, na Câmara dos Deputados (SEM REVISÃO DO ORADOR).

CORREÇÃO 8/SAD/CI

ONDE SE LÊ

LEIA-SE

Obs.:

Na origem: (C. Dep. F. 7136/12/1986).

GAB SNI



24 12 1986

Assinatura

ANEXO A

CÓPIA



CÂMARA DOS DEPUTADOS

*Caso Gen Ivan*

*Com os cumprimentos de*

*S. Curio*

*Sebastião Curio*

CÓPIA



## CÂMARA DOS DEPUTADOS

CARTA ABERTA \*

Brasília, 06 de novembro de 1986.

Caro Capitão Bolsonaro,

Remeto-lhe cópias de discursos que fiz como Deputado mas , confesso-lhe, com o coração de um velho soldado que, como você, tem família que já viveu as dificuldades que a sua hoje vive.

*de Caio*

já fui capitão como você, tendo frequentado até a área de estágio dessa briosa brigada de paraquedistas. Não quiz Deus que eu ostentasse no peito o brevê que você tem a honra de ostentar. Mas trilhei, meu jovem companheiro, com dignidade e orgulho o difícil percurso da carreira das armas.

Sou infante, tenente-coronel da reserva promovido a todos os postos superiores por merecimento e bem casado, com cinco filhos e quatro netos. Já cantei muito, como você deve ter cantado a sua vibrante canção da artilharia, a não menos vibrante canção da minha infantaria e o fiz, não somente nos pátios da nossa saudosa e gloriosa Academia Militar das Agulhas Negras, mas também nos mais longínquos rincões deste nosso grandioso Brasil em companhia de jovens brasileiros que, sob o meu comando, souberam empunhar com galhardia o fuzil que o povo lhes confiou para defender a integridade e a soberania da nossa Pátria.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

como capitão fui comandante de unidade independente, instrutor da Escola de Sargentos das Armas, comandante de subunidade, ajudante de ordens, oficial de gabinete de cinco Ministros do Exército (Centro de Informações do Exército), Presidência da República (SNI), cursei o Centro de Instrução de Guerra na Selva e combati os comunistas nas ruas dos grandes centros urbanos e nas matas do Araguaia, Tocantins e Xingu.

Quiz o destino, meu amigo, que fosse eu parar, também, nas harrancas de Serra Pelada como em muitas outras missões de paz que cumpri em áreas de tensão social. Lá, na condução de oitenta mil brasileiros sem farda, mas com nós, vibrantes, patriotas, dignos e honrados, cantamos não a canção da infantaria, mas o Hino Nacional Brasileiro. E as vozes daqueles homens mal barbeados e sujos pela lama avermelhada da maior mina de ouro do planeta, ecoaram pela selva amazônica, impressionando o mundo que as ouviu e os conhecem através dos sofisticados meios de comunicações.

Reservou-me, também, o destino, um assento nesta Casa, o Parlamento Nacional, que abriga alguns homens dignos e imbuídos dos mais altos propósitos de servir à Pátria e ao povo que a eles confiou o seu destino. Aqui levantei minha voz contra as injustiças sociais e mantive minha caminhada ideológica, mas tive também, algumas decepções. Veja você! No dia 19 de março deste ano, denunciei, por crime de responsabilidade, um ex-Ministro do atual Governo e um Governador de Estado ainda

*Alcides*



CÂMARA DOS DEPUTADOS

no Governo , com provas incontestáveis. A Presidência da Câmara tinha por prazo regimental vinte e quatro horas para nomear uma comissão especial, a fim de analisar minha denúncia e tomar as providências cabíveis. Até hoje nada fora feito . Parece-me que o falecido Charles De Gaulle estava certo ao dizer: "O Brasil não é um país sério!"

Bolsonaro, fala o coração do companheiro mais velho, mais sofrido, mais vivido, que lutou por ideais nobres, ombro a ombro com outros companheiros corajosos como você para garantirmos a integridade Pátria, tentando evitar que sobre ela caíssem os tentáculos vermelhos da maior das ditaduras do mundo - a comunista. Um companheiro que perdeu companheiros nesta luta , foi ferido e que hoje , no fim desta corrida desesperada de 4x100 lhe passa o bastão. Um bastão pesado, manchado por suor, sangue e lágrimas. Ele não pode cair! Mas que ironia do destino, meu amigo. Faço-lhe esta afirmação e pergunto-me, valeu a pena tanta luta? Os comunistas falam alto nesta República e participam do seu Governo. O povo fardoado sofre privações de ordem financeira e moral carregando uma pesada carga, consequência de desacertos políticos e administrativos a nós imputados, que bem intencionados permitimos que acontecessem. O povo sem farda também sofre as consequências da irresponsabilidade do Governo, que por ambição e incompetência o arrastou para um abismo, tentando demagogicamente convencê-lo que vivemos num país maravilhoso. Vivemos

A. C. C. C.



isto sim, à semelhança daquele seriado "A Ilha da Fantasia". Descrentes poderão agarrar-se a ideologias adversas levando este país ao caos ideológico, uma vez que já se encontra no econômico.

Competirá a vocês, meu jovem companheiro, carregar este bastão, levando-o à vitória, com a graça de Deus e a ajuda dos homens de bem desta Nação. Nossos filhos, nossa gente, nossa Pátria, estão nele.

Quando falha a diplomacia, as armas decidem. A diplomacia está moribunda, meu amigo, pela incompetência, pela ambição de pequenos grupos que usufruíram e usufruem do poder em detrimento do povo.

Queira Deus, e isto desejo-lhe de coração, que você, ao chegar exausto ao fim da faixa dos 100 metros não respire amargurado com eu e pergunte a si mesmo: Valeu a pena?

Abraços,

Sebastião Curio

DEPUTADO SEBASTIAO CURIO.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ANEXO C

PRONUNCIAMENTO FEITO DE IMPROVISO PELO  
DEPUTADO SEBASTIAO CURIO EM 08/09/86  
(Sem revisão do orador)

Sr. Presidente,  
Srs. Deputados,

No Governo passado, na hoje chamada Velha República, cometeram-se vários erros, alguns apontados por nós, situacionistas na época, e que até nos levaram à indisposição com o ex-Presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo. Posso dizer isto desta tribuna de cabeça erguida, porque fui um dos Deputados situacionistas que se indispôs com o ex-Presidente da República, na defesa de 80 mil trabalhadores de Serra Pelada.

Observamos, dentre os erros cometidos naquele Governo, alguns de maior importância, de natureza político-ideológica, que é oportuno ressaltarmos hoje. A abertura do ex-Presidente João Figueiredo foi uma abertura ou foi uma anarquia? O que fez S. Exa., o ex-Presidente? Permitiu, da noite para o dia, que terroristas, assaltantes de banco, homens que mataram guardas nas portas dos bancos, mataram sentinelas nas portas dos quartéis e saquearam em nome de uma pseu-



CÂMARA DOS DEPUTADOS

dopátria livre, fossem anistiados, por uma lei que fala em seu artigo 1º, parágrafo 1º: em "crimes conexos".

Ora, Sr. Presidente, Srs. Deputados, na época e hoje não concordamos com esse termo "crimes conexos".

Nunca escondi e não escondo - e orgulho-me disso - minha posição: homem pertencente às Forças Armadas, que tinha por delegação do povo o poder de empunhar o fuzil para defender a nossa integridade pátria e a nossa soberania.

E o fiz, Sr. presidente, Srs. Deputados: empunhei esse fuzil, consciente, como sou até hoje, de que defendíamos a nossa integridade pátria e a nossa soberania contra maus brasileiros, que aqui queriam implantar a maior das ditaduras do mundo: a ditadura comunista, a ditadura do proletariado, do campesinato, a da Rússia ou a da China.

E fomos também anistiados. Não concordamos com essa anistia conexa, porque defendíamos a nossa pátria dos tentáculos poderosos e gigantescos do comunismo internacional. Mas S. Exa., o ex-Presidente, achou por bem anistiar, uma anistia com ampla reciprocidade.

Poderia hoje dizer, como homem que viveu dentro do Palácio do Planalto, que os erros cometidos pelo ex-Presidente, foram praticados a título de redemocratizar este País. Até certo ponto, aceitamos e concordamos, mas também



CÂMARA DOS DEPUTADOS

- 3 -

11

acreditamos que o fez, se não por burrice, pelo menos por vingança porque destruiu o maior Partido da América Latina e os homens que o seguiam, homens imbuídos dos mais altos propósitos democráticos. Esse ex-Presidente, desvirtuou os propósitos da Revolução de 1964.

O SR. HERMES ZANETI - Concede-me V. Exa. um aparte?

O SR. SEBASTIAO CURIO - Pedirei a V. Exa. um momento. Terei imenso prazer em ouvi-lo, mas quero, primeiro, desenvolver meu raciocínio.

Tanto é verdade o que afirmo, que ele foi perdendo cada vez mais seus seguidores. Por quê? Porque, - repito - por burrice, ignorância, incapacidade ou vingança. Praticou esse ato lamentável. E eu diria hoje que faria um somatório de tudo isso: burrice, incapacidade, ignorância, traição e vingança. Destruiu tudo e todos, fez a Lei da Anistia, nela inserindo os crimes conexos, dos quais tratarei a seguir, depois de ouvir, com muito prazer, V. Exa.

O SR. HERMES ZANETI - Obrigado Deputado. Não quero propriamente entrar no mérito da análise que V. Exa. faz dos erros e acertos do ex-Presidente, até porque considero que esta é uma questão de economia interna de V. Exa. e seus companheiros com o ex-Presidente, uma vez que davam sustentação à ditadura militar. Mas o seu pronunciamento me enseja o ra-



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ciocínio de que V. Exa., ao censurar o projeto de abertura democrática, supõe que ele não deveria ter sido feito e, em consequência disso, também nos autoriza a pensar que V. Exa. recomendaria o prosseguimento, ou, quem sabe, até a reinstalação da ditadura, à medida que discorda desta construção democrática que estamos fazendo. Queria dizer a V. Exa., Deputado, que na medida em que censura uma ditadura comunista, deveria igualmente censurar a ditadura militar que V. Exa. ajudou a sustentar. Que sociedade a ditadura militar conseguiu construir? Uma sociedade na qual 80 milhões de brasileiros vivem na miséria relativa ou absoluta; sacramentou a existência de 30 milhões de analfabetos em nosso País; conseguiu aprofundar a concentração de renda, onde o 1% dos brasileiros mais ricos detêm 16,9% da renda nacional, enquanto 50% dos brasileiros mais pobres detêm 12,6% dessa renda. Seu pronunciamento, Deputado, sugere que V. Exa. tem saudades de um sistema fechado, que torturou, assassinou, demitiu e exilou. V. Exa. falou no guarda da esquina, que representava, na verdade, o guarda de um sistema capitalista violento, que explorava a absoluta maioria. V. Exa., nobre Deputado, não questionou sobre aqueles que foram mortos dentro dos quartéis; V. Exa. também não pensou no outro lado, no lado de V. Exa., em que foram torturados, assassinados, mortos e exilados aqueles que pretendiam encampar a luta em defesa da maioria. Ao sustentar o projeto da ditadura militar, evidentemente V. Exa. estava dando sustentação a uma estrutura de poder que beneficiava meia dúzia de pessoas, que sustentavam um sistema capitalista absolutamente contrário à hegemonia e à maioria do povo brasileiro; que sustentavam a defesa da engorda dos bolsos



dos banqueiros nacionais e dos internacionais, na medida em que, com ela matavam-se de fome milhares de brasileiros. V. Exa. também deveria ter presente que há o outro lado: V. Exa. devia ter presente que, a medida em que se desse sustentação a essa ditadura militar, mais e mais vidas estariam sendo ceifadas. Faço um apelo a V. Exa. para que reflita: o momento agora é de reconstrução da sociedade democrática, a sociedade para a maioria onde, se por um lado aqueles que foram anistiados retornaram a vida civil, ao seu País, do qual foram expulsos pela violência de uma minoria, de outro lado também estamos dispostos a anistiar aqueles que, pela mesma Lei de Anistia, foram anistiados das violências que cometeram. Nós, a maioria, fomos vítimas da violência de uma minoria, que V. Exa. agora, aqui, faz supor que deveria continuar na hegemonia do processo político.

O SR. SEBASTIÃO CURIÓ - V. Exa. não prestou atenção às minhas palavras. Se V. Exa. fosse um pouco mais paciente e tivesse aguardado pelo menos o término do primeiro trecho do meu pronunciamento, não estaria fazendo as acusações que ora faz à minha pessoa.

Peço permissão a V. Exa. para responder ao seu aparte que já se tornou quase um discurso paralelo.

O SR. HERMILIO ZANETTI - Muito obrigado pelo tempo que V. Exa. me concedeu.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

O SR. SEBASTIAO CURIO - Gosto muito de ouvir V. Exa.

O SR. HERMES ZANETI - Muito obrigado.

O SR. SEBASTIAO CURIO - Não condenei a reabertura nem a redemocratização do País, mas o fato de se ter permitido aos terroristas, aos criminosos, o acesso aos postos-chaves da Nação. É isso que estou condenando. No decorrer do meu pronunciamento farei menção às atividades desses terroristas nos dias atuais. Não quero pensar que V. Exa. esteja defendendo esses terroristas.

V. Exa. defende o terrorismo?

O SR. HERMES ZANETI - Se ele for usado para derrubar outros terroristas que usurparam o poder para com este cometer violências contra o povo, sou capaz de defendê-lo.

O SR. SEBASTIAO CURIO - Foi o nosso caso. Usamos das armas para derrubar os terroristas que V. Exa. hoje está defendendo.

O SR. HERMES ZANETI - V. Exas. derrubaram um governo constitucional para impedi-lo de fazer as mudanças.

O SR. SEBASTIAO CURIO - Aceitei o aparte de V. Exa., mas não o incorporo ao meu discurso porque dele



CÂMARA DOS DEPUTADOS

discordo.

Vou prosseguir no meu pronunciamento, a fim de que não seja incompreendido, como o fui até agora, por não conseguir desenvolver o meu raciocínio. Depois, ouvirei, com muito prazer, o nobre Deputado Darcy Passos.

Como eu dizia, a Lei da Anistia existe para os terroristas, para os assaltantes de bancos, para a ideologia adversa que se implantava no nosso País. Mas o que hoje se traz à tona e se quer abrir feridas e se processar, como no recente caso Rubens Paiva, é um desaparecimento misterioso, o do ex-Deputado Rubens Paiva. Mas se a anistia é recíproca para os crimes conexos, por que terroristas e ex-terroristas se encontram hoje sentados ao nosso lado no Parlamento Nacional? No caso Bete Mendes apontei os nomes dos que se encontram no Governo e citei os vinte primeiros nomes de comunistas, de ex-terroristas, de ex-militantes do MCI - Movimento Comunista Internacional, que estão hoje no Governo; e tenho mais quatro mil nomes para citar.

Não vamos, portanto, pensar no revanchismo. Nós empunhávamos um fuzil para defender a Pátria contra a tentativa de implantação, aqui, do regime comunista, que é para mim a maior das ditaduras do mundo. Se, V. Exas. me apontarem um país comunista onde exista pluripartidarismo, onde exista liberdade de expressão e onde existam eleições diretas, que V. Exas. tanto defendem, encerro o meu discurso, recolho os meus



CÂMARA DOS DEPUTADOS

alfarrábios, deixo esta tribuna. Mas V. Exas. não têm o que apontar. Até porque V. Exa. disse há pouco que eu deveria condenar a ditadura militar. Eu condenei na época os seus excessos. V. Exa. nunca me viu numa lista de torturadores. Não nego que combati. V. Exa. condena a ex-ditadura militar no Brasil, condena a de Pinochet, mas nunca o ouvi condenar a de Fidel Castro. nunca ouvi V. Exa., neste Plenário, condenar o regime totalitário na Polônia, Hungria e Tchecoslováquia. Por que V. Exa. não os condena? Porque V. Exa. provavelmente é um dos militantes de esquerda e um dos defensores dos terroristas extremistas de esquerda. Deve ser por isso, a não ser que justifique o contrário.

Vou desenvolver mais um pouco meu raciocínio para não ser incompreendido. Falei do revanchismo, falei que querem reabrir feridas, que representam um perigo muito grande. Anistia existe para os que praticaram os atos de terrorismo, para os que tentaram implantar neste País um regime totalitário de esquerda, como no Araguaia, subvencionado pela China Comunista através da Albânia, tentaram implantar uma área liberada no coração da selva amazônica, no coração do Brasil, mas foram por nós combatidos. Há poucos dias, condenei desta tribuna o Governo anterior dominado por grupos minoritários, que, em detrimento da classe operária, dos servidores públicos e militares de toda a Nação brasileira, usufruíram benefícios próprios. V. Exa. não ouviu o discurso que fiz na semana passada, nobre Deputado. Não esperou que eu concluísse e injustamente me atirou pedras e grandes pedras.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Creio que agora V. Exa. está arrependido de ter dito o que disse. Creio que V. Exa. está vendo que não estou defendendo um regime fechado, absolutamente. Estou condenando os caminhos diferentes que tomou a Revolução de 1964 e os aproveitadores dessa revolução, dentre eles o Sr. João Figueiredo, que não mandou apurar os casos Coroa-Brastel, Delfin, Capemi. Fui membro da CPI da Capemi e citei aqui, na semana passada, que S. Exa., o ex-Presidente, acobertou seu filho na Metalquímica, que tinha o privilégio de compra e venda da madeira no mercado interno a preços abaixo da tabela. Tenho apontado os escândalos da Velha e da Nova República, Sr. Presidente, no dia 19 de março deste ano, apresentei um requerimento, uma denúncia de queixa-crime contra o ex-Ministro da Reforma Agrária. Quando o ex-Ministro era Presidente do Banco do Estado do Pará, depositou com cheques administrativos na Agência 402, Banco Itaú, Jardim Botânico, Rio de Janeiro, cinco bilhões, trezentos e oitenta milhões de cruzeiros. No início de 1986, apresentei desta tribuna vinte e oito cheques do Fundepará, Fundo de Desenvolvimento do Pará, depositados numa conta particular. Onde estão as providências? A mesa desta Casa não tomou qualquer medida, e nenhum Deputado hoje situacionista me contestou. S. Exa., o Governador do Estado do Pará - sabemos que a conta é dele - pediu sigilo bancário e segredo de justiça, para a tramitação do processo. Onde está a justiça da Nova República? Onde estão os princípios moralistas da Nova República, que dizia que iria apurar as corrupções e os crimes da Velha República contra a economia popular? É uma farsa. As viagens aumentaram, o déficit público aumentou, os gastos aumentaram.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

O próprio Presidente Sarney o reconheceu nestes últimos dias e determinou ao Ministro da Casa Civil que, pessoalmente, controlasse as viagens de servidores ao exterior. Onde está a moralidade da Nova República? Onde está a resposta à minha denúncia? Disse várias vezes aqui: prendam-me por calúnia, injúria e difamação, ou tragam a esta Casa o ex-Ministro de Assuntos Fundiários e o Governador do Estado do Pará a fim de explicarem a corrupção que cometeram. Nada fizeram. Silêncio total.

Ouço o nobre Deputado Darcy Passos.

O SR. DARCY PASSOS - Nobre Deputado Sebastião Curió, volto à parte em que V. Exa. se referia à anistia. Deputado do PMDB, eventualmente Vice-Líder e mais eventualmente ainda no exercício da Liderança - já por isso não poderia deixar de falar pelo partido que tem no seu programa, ainda tem e há de realizá-la durante a Constituinte, a anistia plena, geral e irrestrita - porém, mais do que isso, por dois títulos pessoais, precisaria dar este aparte. Fui, no regime que V. Exa. acabou de defender, preso torturado, ...

O SR. SEBASTIAO CURIÓ - Não o defendi, acusei.

O SR. DARCY PASSOS - ... removido do cargo de Promotor de Justiça, que obtivera em concurso até mesmo em primeiro lugar. No processo que se seguiu, tive a denúncia rejeitada pelo Superior Tribunal Militar. Então como galardão



da minha vida, considero-me punido pelo regime autoritário e anistiado no começo da democratização. Nesse título, falo também no de amigo de Rubens Paiva, dos tempos de política universitária, desaparecido, e agora fatos novos aconselham que as circunstâncias do seu desaparecimento sejam apuradas. Quero dizer que não sei, ignoro e jamais foi dito que Rubens Paiva - desaparecido, e isso é um fato - tivesse sido acusado de qualquer ato delituoso, qualquer um. Mas ele desapareceu, como muitos outros.

O SR. SEBASTIAO CURIÓ - Dos dois lados.

O SR. DARCY PASSOS - Sabe V. Exa. que não há anistia em termos históricos, religiosos, éticos e morais. O esquecimento não apaga o que está nas consciências. Saiba V. Exa. que até entendo que é raro imaginar-se uma anistia recíproca. A natureza da anistia como ato de império é tal que a recíproca só seria concebível em um armistício de duas facções em luta, com forças aparentemente equilibradas, e que no ato de conciliação pudessem então apagar-se reciprocamente. Creio que a anistia de 1979 foi ato de império, mais concessão do que conquista, mas foi conquista por batalha travada pelo povo e capitaneada por alguém que era então da Arena, e que depois veio engrandecer o nosso partido, o Senador Teotônio Vilela. Creio, nobre Deputado, que a apuração de fatos relativos ao desaparecimento de Rubens Paiva - como disse o Ministro do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves - poderá eventualmente ensejar responsabilidades civis, e isso seria



CÂMARA DOS DEPUTADOS

bom até que a Nova República fosse assumindo, mas não punições de caráter penal, porque, aí sim, de parte a parte fomos todos anistiados: eu, V. Exa. e muitos de seus colegas.

O SR. SEBASTIAO CURIÓ - Discordo de V. Exa. Não fui anistiado, não cometi crime algum, nem quero acusá-lo de algo semelhante, porém V. Exa. está reconhecendo que cometeu algum crime, porquanto diz que foi anistiado. Eu não fui anistiado.

O SR. DARCY PASSOS - Fui anistiado galhardamente, porque, na verdade, fui anistiado de um crime que o Superior Tribunal Militar disse que eu não havia cometido. Não obstante, a pena me foi imposta, executada e cumprida. Desejo que V. Exa. saiba, quando se refere a maus brasileiros, que nós, o grupo social e político a que V. Exa. estava reunido, defendíamos a Pátria dos dois lados, por visões do mundo que podem ser contraditórias e mutuamente excludentes. É por isso que a anistia apaga, pois cada um de nós servia à mesma Pátria, com um ponto de vista diverso. Creio que esta batalha não deveria sequer ter sido realizada, mas não gostaria de deixar passar aqui que V. Exa. diz maus brasileiros; outros, nós, entre os quais me incluo,...

O SR. SEBASTIAO CURIÓ - Respeito V. Exa. e não o incluí.

O SR. DARCY PASSOS ... bons brasileiros, só



CÂMARA DOS DEPUTADOS

V. Exa. e seus companheiros.

O SR. SEBASTIAO CURIO - Digo a V. Exa. que não o inclui.

O SR. PRESIDENTE - Comunico ao orador que V. Exa. dispõe de cinco minutos para concluir o seu pronunciamento.

O SR. SEBASTIAO CURIO - Nobre Deputado Darcy Passos, não o inclui. Tenho apreço e respeito por V. Exa. nesta Casa. Inclui os terroristas. Creio que V. Exa. nunca assassinou alguém à porta de bancos, nem assaltou bancos. Portanto, se existe o caso Rubens Paiva, vamos trazer para esta Casa esposa, filhos, parentes dos militares assassinados, fuzilados, mortos em bombate. No Araguaia houve fuzilamentos. Pelotões do PC do B fuzilaram camponeses que não quiseram entregar elementos dos órgãos de segurança. Vamos trazer todos para cá e exigir punição para esses elementos hoje anistiados. Não vamos trazer de um lado só.

Quero dizer ainda, Sr. Presidente, Srs. Deputados, que ontem foi inaugurado o Panteão da Liberdade. Muito bem colocado o nome justamente escolhido: Tancredo Neves. Muito bem. Aplaudimos. Tancredo nunca compactuou com comunistas, era um democrata. Mas o que se pretende fazer no Panteão da Liberdade? Sabemos nós, foi exibido pelas redes de televisão, que há um livro de bronze, onde será inserido o nome de Tancredo



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Neves e dos heróis da liberdade. Sabemos também que se pretende colocar neste livro os nomes de Carlos Lamarca e de outros terroristas do mesmo naipe como heróis da liberdade. Sr. Presidente, Srs. Deputados, se isto acontecer, preparemo-nos para uma grande ferida neste País. Eles não foram heróis da liberdade, mas terroristas que mataram, saquearam e expropriaram. Se forem mexer nisto, devem também responder pelos crimes que cometeram. Quem foi inaugurar o Panteão da Liberdade? O Presidente José Sarney. Tenho em mãos telegrama enviado por S. Exa. o Presidente José Sarney, num passado não muito distante, a cada um de nós, membros da bancada do PDS, recomendando que não votássemos nas diretas já. Que país é este em que vivemos? De Gaulle estava certo: este não é um país sério.

Sr. Presidente, pretendem ainda retirar da Praça dos Três Poderes a Bandeira Nacional. Por quê? Porque em 1968 houve um manifesto da UNE assinado por muitos comunistas que hoje estão no poder, nos corredores do Palácio do Planalto, preconizando a mudança da Bandeira Nacional: dentro de um losango vermelho haveria uma foice e uma martelo pretos.

Será que esses não são os homens que hoje querem retirar da Praça dos Três Poderes a Bandeira Nacional para ali colocar essa bandeira que preparam num passado recente? São os comunistas que querem fazer isso.

Sr. Presidente, o Monumento a JK é muito justo. Juscelino Kubitschek foi um Presidente que merece nosso



respeito e o apreço da Nação brasileira. Reverenciamos sua memória, pois foi um desbravador, um lutador. Mas tenho certeza de que, se vivo estivesse, Juscelino Kubitschek mandaria retirar aquele mastro, aquele enorme monumento, que tem uma foice com sua estátua simbolizando um martelo. E lá estão, no pôr-do-sol de Brasília, a foice e o martelo, símbolos do comunismo internacional, no Memorial JK, para desgraça e infelicidade dos brasileiros. Quando olhamos o maravilhoso pôr-do-sol em Brasília, vemos aquela foice e aquele martelo colocados por um comunista que se chama Oscar Niemeyer e que quer retirar a Bandeira Nacional da Praça dos Três Poderes.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, não falo em nome das Forças Armadas, porque não tenho delegação para isso, mas falo em meu nome e no de milhares de companheiros, fardados ou não, que não aceitarão essa atitude de alguns que querem, a todo custo, mudar as nossas tradições democráticas. Isto, sim, é colocar a foice e o martelo mais altos do que o mais alto dos poderes da República, que é o prédio do Congresso Nacional representando o Poder Legislativo. Muito obrigado.  
(Palmas).

F I M M